

Projeto: Salvando Anfíbios
e a Floresta Atlântica.
Texto original: Repórter
Marcos Sá Corrêa

Phyllomedusa distincta

o príncipe, a princesa e os sapos



O catarinense Germano Woehl Júnior tem duas vidas. Em uma é físico, trabalha no departamento de Fotônica do Instituto de Estudos Avançados do Centro Técnico Aeroespacial de São José dos Campos, no interior de São Paulo. Recebe, como pesquisador, um salário líquido de R$ 5 mil por mês. Na outra vida, ele é herpetologista. Autodidata, mas exaltado. Não leva para casa com isso um centavo, pior, gasta quase tudo o que ganha no emprego de São José dos Campos sustentando a obsessão pessoal em Santa Catarina. É lá que cuida de sapos, rãs e pererecas.

E usa as folgas para pegar no pesado em Guaramirim, na borda da serra catarinense. Entre a casa e o trabalho, viaja 670 quilômetros. Em Guaramirim, Germano e sua mulher, a professora de Educação Física Elza Nishimura Woehl, criam e mantêm o Instituto Rã-Bugio, uma ONG que, na prática, não é mais nem menos que a pessoa jurídica do serviço voluntário que o casal faz por conta própria desde 1998. Dito assim, o projeto soa tão simples que quase bateu na trave, quando em 1999, concorreu pela primeira vez ao patrocínio da Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. O Rã-Bugio, na época, não tinha nascido. Faltava à proposta o aval de um centro de pesquisa. Seu título, Crianças Salvando Anfíbios e a Floresta Atlântica, dava a impressão de ultrapassar a competência de Germano. E vinha embrulhado num pedido irrisório demais para ser levado a sério. Queria cerca de três mil reais para uma campanha destinada a convencer os alunos de escolas catarineses que os anuros não merecem a reputação que lhes impusemos, de serem bichos feios, peçonhentos, repugnantes e maléficos. Eles são apenas os bichos mais difamados da natureza. Logo, quem se reconcilia com eles, está pronto para fazer as pazes com toda a floresta.

Em cinco anos, experimentaram suas trilhas 10.600 estudantes, 600 professores e 1.600 visitantes avulsos, transformando o Rã-Bugio num curto desvio do circuito turístico habitual na serra de Dona Francisca. O ingresso lá continua gratuito. Em suas terras, classificaram-se 41 espécies de anuros. As fotografias de Germano de 70 sapos, rãs e pererecas formaram uma coleção que circulou por 120 cidades catarinenses, em exposições itinerantes vistas por 25 mil pessoas.

O casal Germano e Elza conduz estudantes em visitas ao Instituto Rã-Bugio, onde é possível ver 41 espécies de anuros







